

# Heinrich Rheinboldt

O EXILADO ALEMÃO QUE AJUDOU A  
FORJAR A QUÍMICA BRASILEIRA

Karlsruhe, Alemanha, 1891 — São Paulo, Brasil, 1955

A história da ciência está repleta de encontros improváveis nos quais dissabores encontram a oportunidade. Poucos foram tão transformadores quanto a chegada de Heinrich Rheinboldt ao Brasil em 1934. Expulso da Alemanha pelas leis raciais do regime nazista que não toleravam sua ascendência judaica, Rheinboldt trouxe consigo uma bagagem intelectual impressionante: já havia orientado 35 teses de doutoramento e era chefe do Departamento de Química Inorgânica e Analítica na Universidade de Bonn. Mas essa rica trajetória era, para ele, apenas mais uma etapa nas revoluções que a química alemã vinha promovendo. Neto de Heinrich Caro – um dos fundadores da BASF e descobridor do ácido de Caro – Heinrich Rheinboldt está, certamente, entre os fundadores da química brasileira.

Antes do exílio no Brasil, já era um pesquisador estabelecido, com publicações reconhecidas e domínio das metodologias que haviam colocado a Alemanha na vanguarda mundial da química. Quando as leis institucionalizaram o antissemitismo científico alemão, expulsando judeus das universidades, Rheinboldt já estava em solo brasileiro. O que para Rheinboldt seria apenas uma ruptura traumática se transformou em missão, construindo no outro lado do Atlântico, aquilo que a barbárie destruía na Europa. O que a Alemanha perdera por intolerância, o Brasil ganharia por hospitalidade.

Convidado por Theodoro Ramos para integrar a missão acadêmica europeia, Rheinboldt chegou à recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) encontrando um terreno promissor e árido. O Brasil tinha cursos de Química, mas não escolas de ensino e pesquisa, com tradições científicas, laboratórios equipados, metodologias alternativas, gerações sucessivas de alunos formando mestres. Rheinboldt enxergou que era necessário termos um novo padrão, e dedicou-se a construí-lo.

Rheinboldt se permitiu então criar um laboratório de química orgânica de padrão internacional no Brasil. Mais que equipamentos, trouxe a organização do trabalho científico: protocolos rigorosos, registros sistemáticos, cultura de verificação experimental. Seus alunos não aprendiam apenas reações e sínteses; aprendiam como a química fora construída e, ao fazê-lo, aprendiam a própria natureza da ciência. Assim, formou-se a elite fundadora da química brasileira: Simão Mathias, Paschoal Senise, Giuseppe Cilento e outros. Os doutores formados nos anos 1940 já orientavam teses nos anos 1950; na década seguinte, a terceira geração povoava os laboratórios em outros estados do país.

Na Alemanha, Rheinboldt havia trabalhado com Paul Pfeiffer, grande nome da química de coordenação. Grandes cientistas em sua maioria haviam transitado entre universidade e indústria, contribuindo para ambos os setores. No Brasil, onde essa integração ainda era inexistente, tornou-se pioneiro. Escreveu sobre a evolução da química e cultivou o enfoque histórico em suas aulas. Para ele, ensinar química sem ensinar sua história era ensinar sem alma. Essa abordagem materializou-se em currículos reformados, laboratórios estruturados e numa cultura onde rigor experimental e contextualização histórica se complementavam. A visão de Rheinboldt, expressa já no primeiro relatório publicado nos Anuários de 1934-35 da FFCL, era clara: "a pesquisa pura é a raiz que alimenta a pesquisa industrial, da qual se desenvolvem a produção e a venda no interior e no exterior". E acrescentava: "desta cadeia: pesquisa pura – pesquisa industrial – produção – comércio, não se pode tirar nem substituir um único anel, sem enfraquecer o todo". A escola paulista de química não era apenas técnica, mas tinha visão orgânica de ciência.

Rheinboldt publicou extensamente em química orgânica, com foco particular no estudo dos compostos de enxofre, selênio e telúrio, e substâncias heterocíclicas que, posteriormente, se mostraram relevantes para síntese de fármacos e corantes. Ainda que não fosse diretamente ligado à indústria, seu esforço em formar especialistas e desenvolver linhas de pesquisa ajudou a criar condições para o florescimento de setores estratégicos da química no Brasil.

Apesar de todo o esforço e entusiasmo inicial, Rheinboldt foi perdendo ânimo face aos empecilhos burocráticos que se opunham à efetiva realização de seus planos. Pessoa muito reservada, de grande cultura, mas pouco loquaz e tímida, era incapaz de atitudes agressivas. Ficava perplexo diante da complicada burocracia brasileira. Temia que todo o esforço se perdesse em pouco tempo, como havia ocorrido com Wilhelm Michler, descobridor da cetona aromática que leva o seu nome, o qual entre 1883 e 1889 criou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro um laboratório de pesquisa com recursos próprios, estudou produtos naturais brasileiros e formou vários alunos, mas não deixou um rastro duradouro no Brasil.

Muitos alunos de Rheinboldt se destacaram em áreas diversas, multiplicando a influência de seu trabalho inicial. Sua ênfase no rigor experimental, na pesquisa original e na integração entre ensino e investigação científica marcou a cultura acadêmica da química no Brasil. Essa herança se refletiu não apenas na continuidade da pesquisa em química orgânica, mas também na valorização da físico-química e de campos correlatos que passaram a ter espaço crescente na USP e em outras universidades do país.

Sua trajetória o consagra como um dos fundadores da química moderna no Brasil, lembrado tanto pelo papel pioneiro na docência e na pesquisa quanto pela sua visão de longo prazo para a construção de instituições científicas sólidas.

